

A Ética e a Ordem: Um Paralelo entre o Diálogo “Sobre A Ordem” de St. Agostinho e as “Cartas Paulinas”

Ethics and Order: A Parallel Between the Work the Order of St. Augustine and the Pauline Letters

Jackson Câmara Silva
(Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Brasil)

Resumo

Dois ícones do pensamento cristão que viveram na antiguidade são o Apóstolo Paulo e Santo Agostinho. O primeiro, de grande perseguidor do cristianismo passa a ser um dos principais nomes de sua expansão. Nascido na Lei de Moisés e provindo de uma cidade cosmopolita, onde emergia o pensamento grego, São Paulo (4 - 64 d.C) sofreu influência tanto do judaísmo como do helenismo. Séculos mais tarde, surge Santo Agostinho (354 - 430 d.C), o qual antes da conversão ao cristianismo, em sua busca pela verdade, teve contato com as disciplinas clássicas e com filosofia greco-helenística. Diante da vasta literatura desses autores, este artigo aborda a relação que ambos fazem entre a ética e a ordem. Para isso, será analisada o diálogo Sobre a ordem de Santo Agostinho e trechos das Cartas paulinas. Desse modo, será verificada a relação entre esses autores. Uma reflexão acerca da relação entre a ética e a ordem mostrará sua importância no contexto em que cada um viveu e o que repercutiu na sociedade hodierna.

Palavras-chave: Ética. Ordem. Apóstolo Paulo. Santo Agostinho.

Abstract

Two icons of Christian thought that have thriving through the ancient times are the Apostle Paul and St. Augustine. The former was a great persecutor of Christianity who turned out to be one of the key persons for its major expansion. Born in the Law of Moses and hailing from a cosmopolitan city from where emerged the Greek thought, St. Paul (4 - 64 AD) was influenced by both Judaism and the Hellenism. Centuries later emerged St. Augustine (354-430 AD), who before his conversion to Christianity, in his seeking for truth, came in contact with the classical disciplines and Greco-Hellenistic Philosophy. Given the vast literature of these two iconic authors, this article will address both of them who construct a relationship between the ethics and the order and for this, it will be analyzing the Work The Order of St. Augustine and some excerpts of the Pauline letters. With this, it will verify not only the relationship between these authors, but also will reflect upon the relationship between ethics and order, by showing its importance in the context in which each one lived and thier resonance in today's society.

Keywords: Ethics. Order. Apostles Paul. Augustine.

1 Introdução

A filosofia de Agostinho parte dele mesmo, do mundo e de Deus. Não somente é um leitor de inúmeras obras filosóficas, mas também utiliza as Sagradas Escrituras para buscar a verdade. Dentre esses livros destacam-se os escritos paulinos, sobretudo a *Carta aos Romanos*, uma de suas primeiras leituras. Constantemente em suas obras encontram-se citações tanto explícitas como implícitas referindo-se a Paulo como “o Apóstolo”.

Sobre a influência de Paulo em Agostinho, aponta-se a “graça” como ponto de convergência entre eles. Isso poderia recair como objeto de estudo para a Teologia e não da Filosofia. Entretanto, tanto Agostinho como Paulo tiveram contato com a Filosofia, sobretudo nas escolas helenísticas como o epicurismo, o estoicismo e o neoplatonismo. Talvez isso possa ter motivado Agostinho a se identificar com os traços filosóficos do pensamento paulino.

Na riqueza da produção literária de Agostinho com cerca de 232 livros, 500 sermões e 270 cartas¹ bem como das 14 cartas canônicas² de Paulo, seria impossível relacionar todas as obras dos dois pensadores. Assim,

¹ Além de parte das *Confissões* apresentarem uma autobiografia de Agostinho, seu discípulo Possídio é o primeiro a escrever a biografia deste pensador, dentre as inúmeras existentes ao longo de mais de 1500 anos. Para um estudo exaustivo sobre Agostinho, recomenda-se: FITZGERALD, O.S.A, Allan D. (dir.). **Diccionario de San Agustín** – San Agustín a través del tiempo. Tradución de Constantino Ruiz-Garrido. Burgos: Editorial Monte Carmelo. 2001.

² Cartas que entraram na lista dos livros ditos inspirados por Deus na Bíblia cristã. Aqui se inclui a carta aos Hebreus que na época de Agostinho era conhecida como escrita pelo apóstolo Paulo. Hoje a crítica moderna já não a considera como sendo dele.

focaremos nosso estudo no diálogo *Sobre a ordem*³ de Agostinho, uma de suas primeiras obras, buscando elementos filosóficos que possivelmente possam se apresentar nas *Cartas paulinas*. Observaremos quais ressonâncias, de origem paulina ou de uma tradição comum entre os autores, existem nesta obra agostiniana.

Para isso, partindo do título dessa obra, destacaremos o conceito de “ordem” dos dois pensadores. Em seguida, será analisada a relação entre a ética e a ordem, cujas obras dos dois autores apresentam semelhanças não só conceituais, mas também linguísticas. Assim, o tema bastante trabalhado na filosofia greco-helenística certamente é um dos importantes pontos de encontro entre o bispo de Hipona e o Apóstolo dos gentios.

2 A ordem nas *Cartas paulinas* e no contexto agostiniano

O conceito de “ordem” foi bastante discutido na filosofia antiga. Com Platão essa expressão é apresentada como sendo antônimo do “caos” (PACIONI, 2001, p. 964). A origem do mundo provém de uma ordenação de uma matéria caótica pré-existente realizada pelo Demiurgo ao contemplar as ideias. Com os estóicos, a ordem tem seu significado na organização interna da realidade composta por razão, harmonia e beleza. Está intrinsecamente ligada à causalidade universal que transcende a realidade humana.

No contexto paulino, a palavra “ordem” (gr. *táxis*) aparece oito vezes em suas Cartas, das quais seis na Carta

³ Título original em latim é conhecido por *De Ordine*, doravante abreviado por *De ord.*

aos Hebreus. Seu antônimo, “desordem”, encontra-se apenas em 1Cor 14,33a⁴. Analisando essas passagens, vemos em que sentido o apóstolo dos gentios utiliza essas palavras.

As referências em Hebreus⁵ apresentam a palavra “ordem” precedida de “segundo a...” e seguida dos complementos “de Melquisedec” e “de Aarão”. A expressão “segundo a ordem” (gr. *katà tèn táxin*) aponta para o sentido de “classificação” ou “grupo” de pessoas, no caso, de sacerdotes.

As referências encontradas em 1Cor 14,40 e Col 2,5 apresentam significado diferente das anteriores. A primeira, Paulo exortando os Coríntios diz: “Mas tudo se faça como convém em boa ordem”. A segunda, escrevendo agora para os Colossenses demonstrando sua afeição por eles, afirma: “pois, embora esteja ausente no corpo, no espírito estou convosco, alegrando-me ao ver a vossa boa ordem e a firmeza da vossa fé em Cristo”. O termo lembra a proposta de unidade e de harmonia para as comunidades que é de importância fundamental para o Apóstolo.

Quanto à “desordem” (gr. *akatastásias*), também se aproxima do pensamento agostiniano, como será analisado adiante. Em 1Cor 14,33a a palavra soa como antônimo também de paz: “Deus não é um Deus de desordem, mas de paz”. Nisso se poderia pensar por analogia que ordem fosse necessariamente, neste caso, sinônimo de paz.

Além da análise do termo “ordem”, o Apóstolo Paulo traz ainda em Rm 2,15 o conceito de uma “lei gravada” no

⁴ As citações e referências bíblicas deste artigo são retiradas da BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

⁵ Hb 5,6.10; 6,20; 7,11(2x); 7,17

coração do homem. No binômio justiça-injustiça em Romanos 3,5 é apresentada uma ordem divina da criação: se a injustiça humana realça a justiça de Deus, Ele não pode cometer injustiça sobre o homem, do contrário, contradir-se-ia.

As definições greco-helenísticas acerca da ordem influenciaram consideravelmente Agostinho, que após sua experiência com o cristianismo, sobretudo no contato com as *Cartas* de Paulo, fez uma releitura acerca do assunto. No contexto agostiniano, ela está relacionada com Deus que, diferente do pensamento helênico, é pessoal, criador, providente e interfere na vida do universo.

A obra que o Filósofo trata pela primeira vez deste conceito claramente é o *Sobre a ordem*, um dos *Diálogos de Cassicíaco* que marca o início de sua produção literária. Antes de iniciar as discussões que compõem esse diálogo, o Hiponense levanta questões prévias: como Deus cuida das coisas humanas se há perversidade nelas? A divina providência não as atinge ou as coisas más são cometidas por vontade de Deus? A explicação da ordem das coisas se dá pela causalidade ou pela razão? O Filósofo defende que ambas procuram explicar a ordem do universo, que guia e governa o mundo opondo-se à desordem que há nele (*De ord.*, I, 1,1). Além disso, Agostinho adverte que para se perceber a ordem das coisas deve-se perceber o todo, apresentando uma visão global da realidade. Para isso, o homem deve voltar-se para si mesmo, afastando-se dos sentidos e desapegando-se da multiplicidade (*Ibid.*, I, 11,3).

Muitos significados a partir desses questionamentos são trabalhados acerca da ordem. Segundo Pacioni (2001, p. 965), dois mais gerais são abordados por Agostinho: Ordem universal (*De ord.*, I,1,1) e Ordem da divina providência (*Ibid.*, II,V,15), também

intitulada Ordem de Deus (*Ibid.*, II,VII,23), Ordem divina (*Ibid.*,II, XX,54), Ordem natural (*Ibid.*, II,IV,12) ou Ordem das causas (*Ibid.*,I, III,8).

Abandonando o estudo da Ordem universal, Agostinho adentra no segundo significado. A Ordem de Deus, da qual os homens participam, pode ser dividida em: Ordem da vida (*A Ibid.*, II, VIII,25), ordem de erudição (*Ibid.*, II,VIII,25) e ordem de civilidade (*Ibid.*, II, IV,12). Subdivide ainda a ordem de erudição em ordem da disciplina (*Ibid.*, I, IX,27) e ordem das disciplinas (*Ibid.*,II, V,17). As subdivisões continuam até a busca do fundamento das artes liberais que apresenta sua importância na busca da ordem.

Averiguando os vários significados de “Ordem”, Agostinho também trabalha as principais divisões da filosofia como a Metafísica – Deus, a ordem e as coisas, a alma, corruptibilidade *versus* incorruptibilidade e a Ética – com os temas da sabedoria e ignorância, bons costumes e o sábio.

3 A ética e a ordem

A relação entre Ética e Ordem é bastante trabalhada na filosofia greco-helenística presente tanto em Paulo como em Agostinho de Hipona.

A função das listas éticas, encontradas nos escritos paulinos, tem o intuito de: 1) Descrever depravação dos incrédulos⁶; 2) Encorajar os fieis a evitar vícios e praticar as virtudes⁷; 3) Expor e denunciar erros dos falsos mestres

⁶ Rm 1,29-31 é relatado que os gentios suprimem a verdade de Deus, enquanto 1Cor 5,9-11 é apresentada a relação de vários tipos de pessoas imorais.

⁷ Rm 13,13-14; 1Cor 6,9-10; 2Cor 12,20; Gl 5,19-23; Ef 4,25-32; 5,3-5; Fl 4,8-9; Cl 3,5.8.12; Tt 2,3-5.6-8.9-10; 3,1-3.

(1Tm 1,3-11; 6,4-5); 4) Descrever as obrigações dos líderes da Igreja (1Tm 6,11; 2Tm 2,22-25; 1Tm 3,2-7.8.13; Tt 1,6-8); 5) Aconselhar um jovem pastor (1Tm 3,2-5.10) (KRUSE, 2008, p. 1231).

No diálogo *Sobre a Ordem*, apesar da ética não ser seu tema central, ela está vinculada à ordem e será trabalhada constantemente por Agostinho. De um lado, percebem-se passagens que apresentam conselhos dirigidos diretamente aos seus discípulos interlocutores, bem como aos jovens de um modo geral. De outro, observa-se a relação entre ética, ordem e bons costumes, além das exortações presentes na lista dos vícios que devem ser evitados.

Desta forma, no paralelo entre as *Cartas paulinas* e o diálogo *Sobre a ordem* será analisada a relação entre a ética e a ordem sob dois blocos de discursos: o primeiro enfatizando conselhos aos discípulos, e o segundo destinado a exortações éticas.

3.1 Conselho aos discípulos

Nos *Diálogos de Cassiciaco*, Agostinho é o protagonista das discussões. Mesmo que oficialmente não se tenha uma relação de Mestre-discípulo, seus amigos, o filho Adeodato e sua mãe apresentam-se como seus “discípulos”, pois na maioria das vezes é Agostinho que instiga as discussões, fazendo assim o papel do mestre.

Paulo de Tarso também forma inúmeros discípulos em suas viagens missionárias. Deixa sempre um representante em cada cidade visitada, instruído por ele através de suas *Cartas*. Dentre esses chefes de comunidade destacam-se Timóteo e Tito, cujas *Cartas* a eles destinadas pertencem à lista dos livros sagrados da Bíblia. Além de conselhos éticos gerais, Paulo se dirige

diretamente a esses líderes apresentando-lhes admoestações práticas⁸.

No diálogo *Sobre a ordem*, Agostinho profere quatro conselhos éticos. O primeiro é destinado a Zenóbio, que não está presente no local, mas a quem, depois de redigida, conferirá todas as discussões realizadas sobre a ordem. Aqui, Agostinho aconselha Zenóbio através de um elogio ao seu amor pela beleza. Fala da isenção de imoderação da paixão e da torpeza e de “evitar o pecado”, a fim de que haja harmonia, unidade e perfeição nas coisas.

Mas você, meu caro Zenóbio, certamente compreende o sentido do que eu disse acima e qual é a causa do desvio dos espíritos e de que modo todas as coisas se harmonizam para formar a unidade e são perfeitas, e, contudo, deve-se *evitar o pecado*. Pois conheço o seu caráter e o seu espírito amante da beleza completa, isento de imoderação da paixão e da torpeza. Este sinal da futura sabedoria por direito divino lhe prescreve a *precaver-se dos desejos nocivos*, para que você não abandone o seu propósito sendo atraído por *falsos prazeres*, pois não pode haver coisa mais torpe e perigosa que esta prevaricação. Creia-me, você conseguirá estas coisas *aplicando-se à instrução* pela qual se purifica e se aperfeiçoa o espírito, e sem a qual alguém não se torna idôneo a que lhe sejam confiadas às divinas sementes... (*De ord.*, I, II,4)⁹

⁸ A crítica moderna já não considera que as cartas destinadas aos pastores Timóteo e Tito (cartas pastorais) não são de autoria de Paulo, haja vista peculiaridades encontradas como a forma de escrever, novos vocábulos não são de uso do apóstolo, apresentando uma época tardia. Entretanto, quando Agostinho as leu considerava-as todas do apóstolo.

⁹ Os grifos de todas as citações são nossos.

Comparando-se com as *Cartas paulinas*, percebe-se uma forte relação entre esse conselho e as admoestações que o Apóstolo faz em sua primeira *Carta* destinada a Timóteo:

Que ninguém despreze tua jovem idade. Quanto a ti, sê para os fiéis modelo na palavra, na conduta, na caridade, na fé, na pureza. Esperando a minha chegada, *aplica-te* à leitura, à exortação, à *instrução*. Desvela-te por estas coisas, nelas persevera, a fim de que a todos seja manifesto o teu progresso. Vigia a ti mesmo e a doutrina. Persevera nestas disposições porque, assim fazendo, salvará a ti mesmo e aos teus ouvintes (1Tm 4,12-13.15-16).

Tu, porém, ó homem de Deus, *foge destas coisas*¹⁰. Segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança, a mansidão (1Tm 6,11).

Nos conselhos dos dois pensadores se observa “aplicar-se à instrução” que está interligado em “evitar o pecado”, “precaver-se dos desejos nocivos” e dos “falsos prazeres”. Essa última expressão agostiniana encontra seu equivalente na expressão paulina “fugir dessas coisas”. Os desejos nocivos de que Agostinho fala assemelham-se aos relatados por Paulo como “inveja, brigas, blasfêmias, más disposições, altercações intermináveis entre homens de espírito corrupto e desprovidos de verdade...” (1Tm 6,4b), assim como “desejos insensatos e perniciosos” (1Tm 6,9).

Os outros três conselhos¹¹ tratam de recomendações agostinianas para que seus interlocutores sejam bons, sendo os dois últimos destinados especificamente aos jovens. No segundo deles, percebe-se

¹⁰ “Essas coisas” são os vícios relatados pelo apóstolo em 1Tm 6,3-5.9-10.

¹¹ *De ord.*, I, X,29; II, VIII,25 e II, X,28.

uma aproximação com os escritos paulinos:

Portanto, *os jovens que se dedicam ao estudo dessa disciplina* devem viver de tal modo que se abstenham de assuntos eróticos; dos prazeres da glotonaria; do desregrado cuidado e adorno do corpo; das fúteis ocupações com espetáculos; da indolência de tanto dormir e da preguiça; da *rivalidade*; da *difamação* e da *inveja*, das ambições de honras e poderes; do imoderado desejo do próprio louvor. Saibam que o apego ao dinheiro é um veneno certíssimo para toda a sua esperança... (*De ord.*, II, VIII,25).

Agostinho inicia exortando os jovens para o estudo a fim de evitarem vícios que constantemente estão propícios na juventude. Paulo, por sua vez, também incentiva seus discípulos à instrução e ao ensino a fim de não se perderem nas paixões desordenadas. A segunda *Carta* endereçada a Timóteo ilustra bem isso:

Foge das paixões da mocidade. Segue a justiça, a fé, a caridade, a paz com aqueles que, de coração puro, invocam o Senhor. Repele as questões insensatas e não educativas. Tu sabes que elas geram brigas. Ora, servo do Senhor não deve brigar; deve ser manso para com todos, competente no ensino, paciente na tribulação. É com suavidade que deve educar os opositores, na expectativa de que Deus lhes dará não só a conversão para o conhecimento da verdade, mas também o retorno à sensatez, libertando-os do laço do diabo, que os tinha cativos de sua vontade (2Tm 2,22-25).

Observa-se, então, que tanto Agostinho como Paulo afirmam que o exercício da razão auxilia no repúdio aos vícios. Trata-se de uma das influências estoicas presente

no pensamento dos dois.

Em se tratando dos vícios citados por Agostinho neste discurso encontram-se semelhanças nas listas de vícios que Paulo cita em suas *Cartas* admoestando Timóteo (2Tm 6,2-10; 2Tm 2,22-25) e Tito (Tt 1,6-9), líderes jovens de comunidades. A própria recomendação do Hiponense acerca do apego ao dinheiro, que é “um veneno”, pode-se encontrar em 1Tm 6,10: “Por que a raiz de todos os males é o amor ao dinheiro, por cujo desenfreado desejo alguns se afastaram da fé, e a si mesmos se afligem com múltiplos tormentos.” Assim, a renúncia à riqueza material também é outra influência estoica aos dois.¹²

No último conselho, Agostinho expõe para Alípio, seu amigo, o motivo da discussão. Os jovens não devem seguir seus conselhos de maneira irracional apenas por causa de sua autoridade, mas também pelas razões expostas do seu ensino. O foco não é sua pessoa, mas o conteúdo apresentado:

[...] não pensei em dizer isso por sua causa¹³, mas por causa dos jovens, para que eles não menosprezem esses preceitos como se procedessem de minha autoridade. Pois de modo algum quero que eles creiam em mim por crer, mas sim quando ensino e dou as razões daquilo que ensino; (*Ibid.*, II, X,28)

Isso lembra as exortações que o Apóstolo Paulo profere à comunidade de Colossos: “Esse Cristo nós anunciamos, advertindo os homens e instruindo-os em

¹²Paige (2008, p. 569) afirma que “internamente” essa influência “cínica e estoica” é bem diferente porque depende mais da “certeza da generosidade e da presença de Deus”, que a decisão da própria “vontade”. A razão necessita do auxílio divino, como será visto neste artigo.

¹³Alípio

toda sabedoria, a fim de apresentá-lo a todos, perfeitos em Cristo” (Cl 1,28). Paulo não quer ser o centro de sua mensagem, nem procura transmitir aos seus uma obediência cega. A instrução necessita de sabedoria. Quer acabar com idolatrias, contendas e discussões devido ao povo acreditar facilmente em outros pregadores que emergiam das comunidades. O mais importante não é o arauto, o anunciador da mensagem, mas o conteúdo dela.

3.2 Exortações éticas

Apesar dos conselhos aos discípulos já serem considerados exortações éticas, é necessário averiguar outros discursos de Agostinho e de Paulo, a fim de aprofundar a relação entre ética e ordem no pensamento dos dois.

As listas éticas encontradas nos escritos paulinos sofreram influências de várias fontes: estoicismo, judaísmo helenístico, escritos de Qumrã, tradição judaica e veterotestamentária (KRUSE, 2008, 1230). Quanto a Agostinho possivelmente tenha sofrido influência do estoicismo, neoplatonismo e do cristianismo. Entretanto, no diálogo *Sobre a ordem*, Agostinho é um recém-convertido, e nela a influência cristã ainda não é tão forte quanto em obras posteriores. É tanto que, em suas *Retratações*, quando se dirige àquela obra, Agostinho retifica seus argumentos carregados de filosofia greco-helenística.

As semelhanças encontradas acerca das exortações éticas e sua relação com a ordem entre as *Cartas paulinas* e o diálogo *Sobre a ordem*, para uma melhor compreensão podem ser classificadas em dois grupos: a) aquelas que não estão relacionadas diretamente à ordem e que citam conceitos como vícios, paixões, virtude,

ignorância; e b) relacionadas diretamente à ordem, onde é frequente o uso do termo “razão”.

3.2.1 Exortações éticas não relacionadas diretamente à ordem

No diálogo *Sobre a ordem*, são três admoestações apresentadas no livro I. Na primeira delas, Agostinho indaga a definição de conversão como “levantar-se da imoderação dos vícios pela virtude e temperança”. Na conversão, o homem sai de um estado de “certa sujeira e mesquinhas do corpo e trevas que o envolve” (*De ord.*, I, VIII,23). Paulo na *Carta aos Efésios* trata isso de modo análogo:

Vós, porém, não aprendestes assim a Cristo, se realmente o ouvistes e, como é a verdade em Jesus, nele fostes ensinados a *remover o vosso modo de vida anterior – o homem velho, que se corrompe ao sabor das concupiscências enganosas – e a renovar-vos pela transformação espiritual da vossa mente, e revestir-vos do Homem Novo, criado segundo Deus, na justiça e santidade da verdade* (Ef 4,20-24).

No parágrafo posterior, Agostinho aconselha a abominar “aquela paixão vergonhosa e ardores peçonhentos” para elevar-se, com o auxílio das artes liberais e a virtude, unir-se ao Intelecto (A Ordem I,VIII,24). Nessas citações são encontradas analogias na *Carta aos Filipenses*:

Finalmente irmãos *ocupai-vos com tudo o que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, honroso, virtuoso ou que de qualquer modo mereça louvor*. O que aprendestes e herdastes, o que ouvistes e observastes em

A terceira semelhança entre as obras é a ligação entre “vícios”, “trevas” e “ignorância”. Agostinho, dialogando com Trigécio e Licêncio, assume que isso oprime o ser humano: “Não lhes importa considerar que somos oprimidos por uma quantidade de vícios e somos envolvidos por trevas de ignorância?” (*De ord.*, I, X,29). Enquanto Paulo recomenda aos Efésios a não andarem “com entendimento entenebrecido, alienados da vida de Deus pela sua ignorância e pela dureza dos seus corações” (Ef 4,18). Esses são comportamentos dos gentios que praticam impureza.

3.2.2 Exortações éticas relacionadas diretamente à ordem

Nesse tipo de admoestação aparecem referências diretas aos termos “razão” e “ordem”. Para Agostinho e Paulo os bons costumes para uma reta vivência ética necessariamente obedecem uma ordem, uma razão e uma lei natural. A busca dessa ordem implica na prática dos bons costumes. Ambos constituem uma relação intrínseca e codependente. Vejamos o que Agostinho fala a respeito disso:

Para conseguirmos alcançar isto, devemos aplicar todo o nosso esforço na prática dos bons costumes; pois, de outra maneira, o nosso Deus não nos poderá ouvir, mas ouvirá com condescendência aos que vivem bem. Portanto, peçamos não que nos sejam dadas riquezas, ou honras, ou coisas inconstantes e efêmeras deste tipo que, por mais que durem, são passageiras, mas que nos sejam concedidas aquelas coisas que nos façam

O conceito de uma “lei gravada” no coração do homem é proferida por Paulo em Rm 2,15. Agostinho atribui essa lei como sendo de Deus e a relaciona com o significado de “ordem”, quase inscritas nas “almas sábias” que devem “contemplá-la com sua inteligência” “guardá-la em sua vida”. Desobedecer a essa lei é cometer falhas morais, e por conseguinte, cometer uma desordem (*De ord.*, II, VIII, 25)¹⁴.

Paulo ao descrever uma série de falhas aos Coríntios encerra sua exortação com o termo “desordens” (gr. *akatastasia*) (2Cor 12,20). Escrevendo aos Romanos, o Apóstolo, elenca outra série de falhas morais e frequentemente as relaciona ao transgredir a lei (Rm 1,24-32). Expressões como “mudaram as relações naturais”, “trocaram a verdade de Deus pela mentira”, “adoraram a criatura em lugar do Criador” e “aberrações” ilustram essa relação. Essas expressões se aproximam das utilizadas por Agostinho como “este gênero de homens desordenados pelos próprios costumes”, reduzindo-se a “uma condição muito vil” em detrimento das “leis da ordem” (*De ord.*, II, IV,12).

Outra questão comum a Agostinho e Paulo é a relação entre o entendimento e vontade para a ordem. A expressão “Faço o mal que não quero e não o bem que quero” (Rm 7,19) é discutida por Paulo na *Carta aos Romanos*. O Apóstolo explica mais adiante o embate entre a lei da razão e a lei de seus membros: “Comprazo-me na lei de Deus segundo o homem interior, mas percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha

¹⁴Agostinho destaca esses vícios quando faz exortação aos seus jovens discípulos, como foi mencionado na seção anterior deste artigo. Cf. *infra* p. 7.

razão e que me acorrenta à lei do pecado que existe em meus membros” (Rm 7,22). Isso representa a vontade declinada em executar o que não se deve fazer. O trecho encontra ressonância na obra agostiniana:

O espírito humano ao ouvir essas coisas, proclama-as celestiais, divinas e absolutamente verdadeiras, mas quando se trata de buscá-las, procedem de diferente maneira. Assim, parece-me uma grande verdade que somente homens divinos, ou não sem o auxílio divino, vivem esse tipo de vida (*De ord.*, II, X,28)¹⁵.

A razão humana proclama e compreende os preceitos éticos “celestiais”, “divinos”, “verdadeiros”, porém ao “buscá-los”, o que exige a faculdade da vontade, procede diferente. A vontade para executar a lei da razão, na concepção de Paulo e de Agostinho, requer um auxílio divino.

4 Considerações finais

A Ética é um ponto de encontro entre Paulo e Agostinho. Percebe-se que esses pensadores, profundamente religiosos, conseguiram utilizar a filosofia como ferramenta indispensável para a busca de respostas às suas inquietações.

Observar a relação entre o Apóstolo dos gentios e o Bispo de Hipona usando as Sagradas Escrituras como um dos eixos de seu pensamento é desafiador, principalmente sob uma perspectiva filosófica. Por outro lado, ao utilizar o diálogo *Sobre a ordem*, contribuiu-se, mesmo que discretamente, na descoberta de elementos que colocaram em evidência uma produção agostiniana

¹⁵“Esse tipo de coisa” está citado em *Sobre a Ordem* II, IX, 27.

não muito conhecida.

Através da análise dos *Textos paulinos* e o diálogo *Sobre a ordem* de Agostinho verificou-se a grande relevância do tema para os dois pensadores. Mesmo pertencendo a épocas diferentes, a forma como eles relacionaram a ética e a ordem apresentou muitas semelhanças conceituais e linguísticas. Viver ordenadamente implica viver os bons costumes, não como imposições morais, mas como “leis que são gravadas” no coração. Para descobri-las e praticá-las o homem deve utilizar sua capacidade de pensar, buscando a instrução e o ensino, que conseqüentemente interliga-se em evitar os vícios.

Portanto, a relação dos conceitos filosóficos da *ética* e da *ordem* no contexto paulino e agostiniano evidencia a grande influência, não só teológica, mas também filosófica, que as *Cartas paulinas* apresentaram no diálogo *Sobre a Ordem* de Agostinho. A análise dos textos além de ter demonstrado a proximidade entre Paulo e Agostinho, também apresentou uma reflexão sobre a ética e a ordem em um mundo tão desordenado em que vive o homem contemporâneo.

Referências

A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

AGOSTINHO, Santo. **Contra os Acadêmicos - A ordem - A grandeza da Alma - O mestre**. Trad. de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Patrística, 24)

KRUSE, Colin G. Vícios e virtudes. In: HAWTHORNE, Gerald; MARTIN, Ralph P.; REID Daniel G. [orgs]. **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Vida Nova; Paulus; Loyola. 2008, p. 1229-1231.

LUZ, Waldyr Carvalho. **Novo Testamento interlinear**. São Paulo: Hagnos, 2010.

PACIONI, Virgilio. Ordem. *In*: FITZGERALD, Allan D. (org.). **Diccionario de san Agustín**: San Agustín a través del tempo. Tradución de Constantino Ruiz-Garrido. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2001. p. 964-966.

PAIGE, T. Filosofia. *In*: HAWTHORNE, Gerald; MARTIN, Ralph P.; REID Daniel G. [orgs]. **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Vida Nova; Paulus; Loyola. 2008, p. 564-570.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: filosofia pagã antiga. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2003.

SOUZA, José Zacarias de. **Agostinho**: buscador inquieto da verdade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

TORCHIA, N. Joseph. Estoicos, estoicismo. *In*: FITZGERALD, Allan D. (org.). **Diccionario de san Agustín**: San Agustín a través del tempo. Tradución de Constantino Ruiz-Garrido. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2001. p. 517-522.

Jackson Câmara Silva

Mestre em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) – Belo Horizonte. Graduado em Teologia pela FAJE; Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Lic. em Física pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Integrante do grupo de pesquisa Bíblia e Literatura cristã - FAJE. Foi bolsista do PROEX-CAPES. E-mail: irjackson.nj@gmail.com

Submetido: 19/06/2020

Aprovado: 23/07/2020